

LIXO: O QUE FAZER NAS PRAÇAS PÚBLICAS DO COLÉGIO LUÍS VIANA FILHO E DO COLÉGIO GETÚLIO VARGAS?

Jaciara Fernandes Benevides¹
Orlando Santana Costa¹
Selma Francisca Benevides¹
Solidade Gonçalves Roriz¹
Jany Rodrigues Prado²

RESUMO

Este trabalho trata do estágio desenvolvido no componente curricular Pesquisa e Estágio I: Estágio em Espaços Não Formais, referente ao curso de Pedagogia da UNEB – DEDC Campus XII, realizado no período de 20 a 27 de maio e 18 a 21 de junho de 2013, nas Praças do Tancredo Neves e Manoel Novaes na cidade de Guanambi/BA. O estágio na Educação Não Formal, ou não escolar, é uma modalidade de ensino que, assim como a Educação Formal, uma perspectiva crítica e analítica, pode contribuir para a formação de seres humanos mais atuantes, bem como colaborar para a transformação da sociedade. O nosso objetivo principal é incentivar a reflexão, acerca das questões que envolvem a relação entre o ser humano e o meio ambiente, tendo em vista que a educação ambiental está comprometida não só com a preservação do meio ambiente, mais também com a cidadania na busca de alternativas sustentáveis voltada para o bem comum do planeta. Utilizamos de vários métodos para alcançar os resultados esperados, desde conversas informais, envolvimento na coleta, confecção de materiais e outras ações que sensibilizassem o ser humano acerca do lixo. Para darmos embasamento aos pressupostos teóricos do presente trabalho, utilizamos os fundamentos feitos por Barbosa (2008), Brüzke (1997), Gohn (2010), Horn (2004), Pimenta (2012), Weffort (2003), entre outros. Por fim, através dos resultados da experiência apresentada, é possível aliar a teoria com a prática na formação de pessoas mais conscientes e atuantes na preservação do meio ambiente e do lugar em que vivem de forma sustentável e ecológica.

Palavras-chave: Educação Não Formal. Estágio. Meio ambiente.

INTRODUÇÃO

A pesquisa e estágio são exigências dos cursos de formação de professores. Durante o Estágio Supervisionado, os graduandos veem a oportunidade de aprender e compreender o significado da docência, pois para Pimenta (2012, p. 33) “o estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais, em contraposição à teoria”.

¹Estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), DEDC Campus XII / Guanambi – BA. E-mails: jaciara_fernandes.matt@hotmail.com/ orlandopdi@yahoo.com.br / selmabenevides1@hotmail.com / solsgr@hotmail.com

²Orientadora. Professora Mestra do Departamento de Educação / Campus XII – Guanambi – Bahia. E-mail: janyrprado@yahoo.com.br

Além disso, podem despertar um olhar reflexivo para o cotidiano em que está sendo observado. A pesquisa e o estágio oferecidos nos cursos de futuros professores possibilitam aos alunos a aquisição e o aprimoramento de habilidades, conhecimentos científicos e de instrumentos necessários à formação de um profissional competente, crítico e comprometido com a qualidade dos serviços no mercado de trabalho.

É de suma importância para o futuro profissional do curso de formação inicial de professores, passar pela experiência do estágio, a experiência proporcionada amplia o significado da constituição de um profissional da área da educação, complementa a formação acadêmica e mostra-nos a importância da formação continuada do constante aprimoramento dos conhecimentos da área em educação.

O objetivo deste relato é refletir sobre a necessidade do meio ambiente ser preservado através de ações acrescidas pela sociedade contemporânea. Pois, o padrão atual de consumo em que estamos inseridos resulta em alta produtividade de lixo, em especial nos grandes centros urbanos, onde há um maior fluxo de pessoas.

São crianças, jovens, adultos e idosos que precisam estar conscientizados de não jogar lixo no chão. Pois esta é uma problemática que vem agredindo severamente os espaços naturais, e precisa ser revertida rapidamente, considerando que as futuras gerações podem ser totalmente afetadas pelas respostas dadas pela própria natureza.

Nesse sentido, decidimos fazer uma pesquisa exploratória nas Praças Manoel Novaes e Tancredo Neves, pois ambas vivenciam essa problemática do excesso de lixo em seus espaços. Em seguida, realizamos o estágio não formal, em que fizemos a intervenção sobre o que fazer com o lixo e vinculamos às práticas educativas ao processo de conscientização e ação.

A princípio, essa intervenção envolveu alunos das escolas próximas, incluindo os moradores dos arredores, pessoas frequentadoras que passavam por ali todos os dias e pessoas que vêm de outras cidades circunvizinhas, pois são nesses âmbitos, que as práticas de educação não formal estão mais presentes. Gohn (2010) defende que é o educador social o profissional que exerce o papel ativo, propositivo e interativo nesses espaços.

METODOLOGIA

O estágio não formal foi realizado nas Praças Manuel Novaes e Tancredo Neves, situadas na cidade de Guanambi-Bahia. O público-alvo foi alunos, idosos, comerciantes e frequentadores de modo geral. Primeiramente, foi realizada uma observação diagnóstica nesses espaços para deter qual tipo de intervenção seria feita. Nisso, traçamos o perfil ambiental em relação às problemáticas sobre o lixo. A pesquisa está orientada na abordagem qualitativa, no que confere às particularidades do objeto de estudo, mediante pesquisa bibliográfica e de campo.

Feita a pesquisa, voltamos para a sala de aula, para o estudo do caso. Assim, na segunda etapa do trabalho, composta por uma jornada de trinta horas, retornamos para as praças a fim de colocar em prática o projeto de intervenção que teve como tema: LIXO: o que fazer nas praças públicas do Colégio Luís Viana Filho e do Colégio Getúlio Vargas?

Ao longo de cada encontro, trabalhamos com conversas informais, principalmente com os alunos que mais ficavam por lá, que deram suas sugestões, palpites e revelações sobre como eles agiam quando estavam com algum lixo na mão.

Foram também confeccionadas caixas que indicavam o lixo orgânico, vidro, papel e plástico. Essa prática de reutilização das caixas de papelão é algo economicamente sustentável que contribui muito para a conscientização das futuras gerações. Com essa temática, reservamos uma parte do tempo para cada praça. Assim; saímos coletando o lixo que estava espalhado pelos seus arredores e colocamos em cada caixa específica.

Para consolidarmos a conscientização sobre a temática do lixo, foram elaboradas faixas: “Lixo o que fazer?” e “Jogue lixo no lixo”; buscando, dessa forma, contribuir para a ampliação da participação das pessoas no envolvimento dessa temática de preservação ambiental. Ficamos inquietas(o) em relação às pessoas que viam os recipientes de lixo e jogavam os papéis no chão. Através de conversas informais, percebemos que consciência sobre os problemas do lixo eles tinham, porém não colocavam em prática. É como disse uma estudante entrevistada: “Jogo lixo no chão porque tenho preguiça de ir até a lixeira”. Além de todas essas inquietações, também ficamos angustiadas(o) com o comodismo das pessoas.

A conscientização e preservação do meio ambiente ainda é algo que precisa ser feito por todos, pois uma jovem senhora na Praça do Getúlio Vargas me disse acerca do lixo assim: “As pessoas não têm consciência do seu papel e joga o lixo em qualquer lugar” e ao verem nossa iniciativa de estágio e intervenção ao coletar o lixo na Praça Tancredo Neves, um

senhor dono do bar nos disse: “Vocês estão de parabéns pela iniciativa de cuidar da praça e recolher o lixo, pois os alunos não têm essa conscientização”.

Ainda outra aluna afirma que a maioria do lixo é resultado de lanches, garrafas que as pessoas que frequentam a praça jogam. Ela fala que por mais que tenha uma lixeira por perto, ninguém é perfeito para seguir esse comportamento de só jogar lixo no lixo e ainda diz: “Eu particularmente assumo, joga lixo na rua sempre”; - aluna do Colégio Luís Viana Filho na Praça Manoel Novaes.

Com isso, vimos que o ser humano é responsável por grandes acúmulos de lixo em ambientes abertos, sendo o lixo um dos grandes problemas ambientais. Se cada pessoa colocasse o lixo na lixeira, consciente do seu papel de cidadão resolveria o problema individual. O Art. 225 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 estabelece que:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para os presentes e futuras gerações.

É direito de todo cidadão ter um ambiente sadio, e um dever de todos preservá-lo, só que infelizmente poucos seguem esse dever.

Nesse ponto de vista, esclarece Leonardi (1997) que, de fato, em vários e importantes documentos internacionais enfatiza-se a importância da educação ambiental, entre outros motivos, pela sua relação com o exercício da cidadania, o que demonstra o seu compromisso original com a formação da cultura democrática. A autora acrescenta ainda, que a cidadania está baseada na consciência do cidadão pertencer a uma coletividade, isto é, algo que ultrapassa o interesse individual que porventura se ponha antes do interesse coletivo, o que significa uma constatação da maior importância para o educador ambiental, como poderemos observar ao longo deste trabalho.

Com base nisso, a estudante do Luiz Viana afirma: “Para mim, o acúmulo do lixo na praça não é por falta de funcionários para fazer a limpeza, pois há um funcionário aqui encarregado de limpar o local diariamente. O que tem de errado somos nós que jogamos o lixo sempre no chão”. Quanto à diferenciação da Praça Manuel Novaes e a do Tancredo Neves, ambas têm muita movimentação, só que pelo fato da Praça Manuel Novaes possuir um maior

número de estabelecimentos comerciais e, as pessoas frequentarem mais esse espaço que, se torna um ambiente mais poluído. A própria aluna diz: “Eu mesma joga lixo no chão”.

Em meio a conversas, falando com uma senhora de outra cidade que estava passeando em Guanambi, perguntamos a ela o que achava da organização do lixo da Praça Tancredo Neves que era onde estávamos no momento, e ela nos respondeu: “Que achava organizada em comparação a da Manoel Novaes, se for observar a quantidade de pessoas que passa pela rua, é bem limpa, vejo que a cada lado tem lixeiras e as pessoas que se encontram na praça se preocupam com o espaço do mesmo”.

E no final da entrevista, perguntamos o que as pessoas que frequentavam aquela praça acharam de participar da pesquisa, eles relataram que gostaram de participar e como já havíamos percebido, eles responderam que foi algo diferente e foi muito interessante participar conosco, pois muitas pessoas estão precisando dessa reflexão de cuidar do meio ambiente em que vivem.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O resultado do projeto é positivo. Logo no primeiro dia, percebemos certa curiosidade por parte dos sujeitos que passavam por ali, e até mesmo dos estudantes dos dois colégios Luís Viana Filho, na Praça Manoel Novaes, e do Getúlio Vargas na Praça Tancredo Neves. A partir do terceiro e quarto dia já se podia notar o grau de interesse por parte das pessoas que participaram das entrevistas, e começaram a opinar. Diante de conversas e observações, notamos que, as pessoas eram suficientemente informadas sobre os transtornos que o lixo jogado na rua podiam nos causar. Mas mesmo assim, insistiam em dizer que, o que adiantava um grupo de 4 estudantes da UNEB tentarem fazer sua parte se o restante da população guanambiense e visitantes das cidades circunvizinhas não se preocupavam o mínimo com os estragos que o lixo causa ao meio ambiente.

A finalidade desta intervenção e observação com ênfase em não jogar lixo nas praças tem por base sensibilizar todos para a educação ambiental; promover a emancipação social e divulgar o trabalho desenvolvido pela nossa equipe, pois a qualidade de vida no nosso planeta depende de todos nós.

Nessa perspectiva, Weffort (2003) afirma que determinado ou escolhido no início do encontro, o ponto de observação se concretiza numa pergunta que instrumentaliza o olhar para focalizar, ao longo da construção do encontro, aspectos que podem trazer novas relações,

apontando novos parâmetros para este olhar. É um roteiro para a construção de um olhar crítico, consciente e educado.

Buscamos assim, de uma forma ecológica, aprimorar a relação entre as escolas dessas praças e os sujeitos que a frequentam de forma direta e indireta, com foco na importância de preservar a mesma para as atuais e futuras gerações, visando com isso maiores resultados na preservação para um ambiente mais limpo e saudável, proporcionando melhorias de vida para os sujeitos que visitam esses espaços.

Nesse sentido, Horn (2004 apud BARBOSA, 2008, p. 49), afirma que:

O espaço é então entendido em uma perspectiva definida em diferentes dimensões: a física, a funcional, a temporal e a relacional, legitimando-se como um elemento curricular. Nessa perspectiva, estrutura oportunidades para a aprendizagem por meio das interações possíveis entre as crianças e os objetos e delas entre si.

Houve participação das pessoas que transitavam pela praça, todos(as) respondiam às perguntas tranquilamente. Alunos, visitantes, professores, motoristas etc. Foi um ótimo trabalho, pois teve um resultado a qual esperávamos de conscientização e preservação das praças públicas da cidade de Guanambi. Não obstante salienta Weffort (2003) que para tanto, também necessitamos estar concentrados com nosso ritmo interno. A ação de olhar e escutar são um sair de si para ver o outro e a realidade segundo seus próprios pontos de vista, segundo sua história.

Sendo assim, o pedagogo para atuar nesses espaços não formais, precisa compreender suas formas de organização, sua dinâmica e o processo de participação dos sujeitos envolvidos, pois como salienta Pimenta (2012), o exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de aprender a fazer e compreender algo. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação será a partir da observação, da imitação, da reprodução e, às vezes, reelaboração das boas práticas e ações de modelos existentes.

A prática ambiental na educação do cidadão, na atualidade, é algo que vem sendo frequentemente estudada, debatida e fomentada por professores, educadores e pesquisadores das escolas de séries iniciais e da educação básica, pois segundo afirma Ortiz (1994), a cultura do consumo desfruta de uma posição de destaque, já que ela se transformou numa das

principais instâncias mundiais da definição da legitimidade dos comportamentos e dos valores de consumo.

Nessa perspectiva, Brüzeke (1997) entende que o movimento ambientalista ganha a sua força na consciência do risco ambiental, mas também da possibilidade da sociedade reagir e evitar aquilo que seus líderes ambientalistas prognosticam quando falam da catástrofe ecológica e do risco que o lixo jogado nas ruas das cidades pode causar.

Embora o lixo seja considerado uma ameaça à saúde humana, verifica-se que é possível minimizar seus impactos, ao se adotar medidas preventivas, abandonando práticas de consumo exagerado ou então, conscientizando a população, seja em relação ao destino ou às formas de reciclagem do lixo gerado. Assim, são necessárias ações em que o governo e a sociedade assumam novas atitudes, visando gerenciar de modo mais adequado a grande quantidade e diversidade de resíduos que são produzidos diariamente.

Estas práticas não só reduzirão o volume de resíduos produzidos diariamente, mas também permitirão o exercício de reuso, culminando num melhor gerenciamento dos resíduos. São atitudes simples e viáveis que podem ser incorporadas cada vez mais, a fim de proteger o ar, o solo e a água, trazendo como consequências melhores condições de saúde humana, qualidade de vida e preservação ambiental.

No final da entrevista, concluímos com perguntas sobre o que eles acharam dessas atividades e a maioria disse ter gostado de participar. Relataram que foi uma atividade diferente e interessante e que muitos estão precisando dessa reflexão para cuidar do ambiente e do meio em que vivem.

Portanto, o aluno formador com um bom plano de intervenção pode fazer muita diferença no processo de ensino-aprendizagem acerca do lixo na vida dessas pessoas e em especial nas praças escolares, onde de fato é a base para uma formação ética, cívica e marcante que os jovens levarão para a sua vida adulta, a fim de que o mesmo aprenda a viver sempre em harmonia com os outros e com o meio ambiente em geral.

CONCLUSÃO

Ao final deste relato de experiência, vimos que o estágio em espaços não formais é de grande importância para a formação acadêmica, pois proporcionam ao formando de Pedagogia observar e refletir sobre como está sendo construída a nova identidade profissional

do pedagogo em espaços não escolares. Dessa forma, o estágio nos proporcionou conhecer como acontece na prática o comportamento das pessoas nesses espaços. Nossa ida ao campo com o olhar de pesquisador-observador deu-nos a certeza da importância de aprofundarmos no tema redução do lixo. Foi uma vivência enriquecedora, tanto profissional como pessoal.

Por fim, diante de toda observação e teorias existentes durante o período de aprendizagens de estágio, fica claro e bem evidente que há necessidade de aprofundarmos mais sobre o tema, pois relatar sobre o meio ambiente em que vive é de suma importância, uma vez que parase ter um ambiente limpo e saudável é necessário não só funcionários de limpeza, mas pessoas que tenham consciência e sensibilização do seu papel na sociedade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008, 128 p.

BRÜZEKE, J. F. **Risco social, risco ambiental, risco individual**. Ambiente e sociedade, Campinas, 1 (1): 117-33, 1997.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons e aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEONARDI, M. L. A. **Educação ambiental e teorias econômicas: primeiras aproximações**. In: CAVALCANTI, C. (Org.). *desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. São Paulo/Recife: Cortez/Fundação Joaquim Nabuco, 1995.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PIMENTA, Selma Garrido. Estágio: diferentes concepções. In: _____. **Estágio e docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2004/2012, p. 33-57 (Cap. 1), 296p.

WEFFORT, Madalena Freire. **Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos** I. 3. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 2003.